

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCH)
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA (EB)
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PROCESSOS BIBLIOTECONÔMICOS (DEPB)

Kelly Maria Ayala de Carvalho

***PODCAST: estudo bibliográfico a partir da análise conceitual da mídia como documento
tendo como aporte teórico os preceitos de Paul Otlet***

Rio de Janeiro

2016

Kelly Maria Ayala de Carvalho

***PODCAST: estudo bibliográfico a partir da análise conceitual da mídia como documento
tendo como aporte teórico os preceitos de Paul Otlet***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha

Rio de Janeiro

2016

C331 Carvalho, Kelly Maria Ayala de.
PODCAST: estudo bibliográfico a partir da
análise conceitual da mídia como documento tendo
como aporte teórico os preceitos de Paul Otlet /
Kelly Maria Ayala de Carvalho. - 2016.
47 f.

Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro, Graduação em
Biblioteconomia, Rio de Janeiro, 2016.

Orientador: Gustavo Silva Saldanha.

1. Biblioteconomia. 2. Podcast. 3. Documentação.
I. Saldanha, Gustavo Silva. II. Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro. III. Título.

CDD 025.34

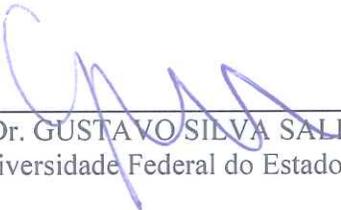
KELLY MARIA AYALA DE CARVALHO

PODCAST: estudo bibliográfico a partir da análise conceitual da mídia como documento tendo como aporte teórico os preceitos de Paul Otlet

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro: 24 de JUNHO de 2016.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. GUSTAVO SILVA SALDANHA (Orientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro



Prof. Dr. ALBERTO CALIL JUNIOR (Membro interno)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro



Prof. Dr. MARCOS LUIZ CAVALCANTI DE MIRANDA (Membro interno)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

A Deus, por renovar minhas forças quando estas se esvaíram e me permitir ingressar e finalizar um curso que não era minha primeira opção, mas definitivamente, estava destinado a ser.

Ao meu orientador, Gustavo Saldanha, que com extrema paciência e confiança me orientou sem hesitar, não apenas durante o curto período da elaboração deste trabalho, mas por toda minha passagem pela graduação. Carregarei e aplicarei os ensinamentos para o resto de minha vida profissional.

Aos meus pais, Ricardo e Sonilda, por me acompanharem sem jamais duvidar do meu sucesso e me ensinarem a ser antes de tudo uma mulher com valores e princípios inabaláveis.

Aos meus irmãos, Mauricio e Karen, pela ajuda, paciência e companheirismo desde que nasci.

Aos meus professores, que com tanto carinho e paixão pela profissão me ensinaram os requisitos técnicos e valores de ser uma bibliotecária. Em especial ao Marcos Miranda, meu tutor do PET, que com tanto carinho me guiou nos primeiros estudos do *podcast*.

Às bibliotecárias e supervisoras de estágio que com tanta dedicação e cuidado me ensinaram os serviços da profissão, criando laços de amizade que estão muito além do profissional. Obrigada pela paciência enquanto eu ouvia e anotava cada ensinamento em algum bloquinho para não correr o risco de esquecer posteriormente. Em especial, obrigada, Marcia Nunes Bacha, por acreditar e estar presente do início ao final da minha graduação.

Aos meus amigos, que caminharam lado a lado nesta jornada incentivando, compreendendo e tornando a vida acadêmica uma aventura inesquecível.

Agradeço à Lorraine, parceira de tantos trabalhos, disciplinas e micos desde o primeiro período e à Ana Luiza, que me apresentou à *podosfera*, criando nossa parceria nos estudos do PET.

Foi imprescindível a presença e participação de todos nesta etapa da minha vida. Esta vitória não é apenas minha, mas de todos que me acompanharam. Obrigada!

“Non tutte le verità sono per tutte le orecchie [...]”.

Umberto Eco

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise da nova mídia produzida no contexto da Web 2.0, o *podcast*, e explorá-la conceitualmente trazendo características que possibilitem sua definição como documento no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação a partir de estudos documentais, seguindo-se a vertente de Paul Otlet. O estudo utilizou como metodologia um levantamento bibliográfico sobre *podcast* e documentação além dos assuntos que giram em seu entorno, por exemplo a *webradio* e a web 2.0. Retoma parte da história documental e define documento segundo Paul Otlet e seus sucessores: Suzanne Briet, Robert Escapit, Jean Meyriat, Michael Buckland e Bernd Frohmann. Apresenta breve análise dos novos suportes informacionais face a cibercultura para introduzir uma decomposição da obra de Paul Otlet, *Traité de Documentation* (1934), especificamente na seção que aborda sobre os substitutos do livro, e aplica-la para estabelecer o *podcast* como documento segundo o autor. Para ratificar tal dissecção é realizado um estudo de caso nos *podcasts* da *Library of Congress* e aplica-se o princípio monográfico. Para corroborar esta análise são aplicados os preceitos dos sucessores de Otlet citados anteriormente. Concluiu-se que é possível afirmar que o *podcast* cumpre os critérios que Paul Otlet utiliza para se caracterizar um documento e, portanto, este pode e deve ser descrito como tal.

Palavras-chave: *Podcast*. Web 2.0. Documentação. Paul Otlet. Biblioteconomia.

ABSTRACT

This study aims to present a new media analysis produced in the context of Web 2.0, the podcast, and explore it conceptually bringing features that allow its definition as a document in the scope of Library and Information Science from documentary studies, following Paul Otlet's thoughts. The methodology used was a review literature about podcast, documentation and the subjects that surround them, for example the webradio and web 2.0. Recovers a part of documentary history and defines document according to Paul Otlet and his successors: Suzanne Briet, Robert Escapit, Jean Meyriat, Michael Buckland and Bernd Frohmann. Presents a brief analysis of the new informational support in face of the cyberculture, to introduce a decomposition of the work of Paul Otlet, *Traité de Documentation* (1934), specifically in the section that discusses about the book's substitutes, applying it in order to establish the podcast as a document according to the author. In order to affirm such dissection is realized a case study in the podcasts of the Library of Congress and applies it the monographic principle. To support this analysis are applied the precepts of Otlet's successors mentioned above. In conclusion, it can be said that the podcast fits in the criteria that Paul Otlet uses to characterize a document and therefore it can and should be described as such.

Keywords: Podcast. Web 2.0. Documents. Paul Otlet. Library Science.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	7
3 PODCAST	10
3.1 Contextualização: a <i>Web 2.0</i>	10
3.2 Etimologia e conceito	11
3.3 <i>Podcast</i> : origem e história	12
3.3.1 O <i>podcast</i> no Brasil	13
3.3.2 Podpesquisa	14
3.4 Registros sonoros: entre o rádio e o <i>podcasting</i>	15
4 DOCUMENTO	19
4.1 Historiografia documental	19
4.2 Definições de documento	21
4.3 O documento e seus novos suportes informacionais	26
5 O PODCAST COMO DOCUMENTO NA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	29
5.1 O “substituto do livro”	29
5.2 Apropriação e uso do <i>podcast</i> na Biblioteconomia	32
5.3 O caso da <i>Library of Congress</i> e aplicação do princípio monográfico	35
5.4 O <i>podcast</i> como documento	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

O trabalho disserta sobre o *podcast* e sua conceituação como documento dentro do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação de acordo com suas características presentes na teoria documental de Paul Otlet.

Para tal análise, adota-se a vertente defendida por Wagner Jesus (2014), onde o *podcast* é um arquivo de mídia transmitido através do *Podcasting* (forma de distribuição online via *feed RSS*). Contudo, ele atribui o uso do termo *Podcast* para diversos formatos de mídia. Neste ponto, adotaremos a cisão de arquivos de áudio e vídeo, chamados respectivamente de *podcast* e *videocast* (ou *vodcast*), afirmada por Lucio Luiz (2014), integrante da podoesfera desde seu surgimento no Brasil.

Para este trabalho, não se focou no uso do *podcast*, mas em sua conceituação com intenção de definir o caráter documental comum presente em todos, apesar das diversas utilizações da mídia. Procurou-se apresentar de forma clara e concisa o contexto informacional em que este está inserido, sua história e o seu uso no campo biblioteconômico.

Diante do ambiente proliferado de novos documentos e o uso massivo da *web 2.0*, é necessário identificar e estudar aqueles que são novos e conquista novos adeptos constantemente. O *podcast* acaba por conquistar novos adeptos pelo contexto social da ansiedade informacional e o tempo cada vez mais escasso da contemporaneidade, tornando-se possível atualizar enquanto se está realizando outras tarefas que a leitura não nos permite, como por exemplo dirigir.

O mundo contemporâneo prioriza exponencialmente o caráter profissional do estudo do que o caráter epistemológico e, como consequência, a literatura acadêmica produzida não contempla o campo teórico, filosófico e social do documento. Deve-se haver uma igual importância entre os estudos histórico-conceituais e os de cunho técnico, aliando a tradição e a inovação presentes na Biblioteconomia de forma que haja uma interpretação das fontes, visto que a semântica é passível de modificações, possibilitando a mudança do conceito sem alterar essencialmente a exteriorização linguística do termo (RABELLO, 2011).

Rabello (2011, p. 134) afirma que “o ato de narrar um acontecimento e registrá-lo por escrito num suporte – ou seja, a produção de um documento escrito – é um exemplo “clássico” da ação de documentar que auxilia, por sua vez, a compreender a dimensão da tradição no âmbito historiográfico”.

Para estudar esta nova mídia social, é necessário partir-se da questão de pesquisa “o *podcast* possui caráter documental?” e conceituá-lo como tal. Para isto, precisa-se não apenas

ter domínio e conhecimento sobre o que é o *podcast*, mas também sobre a teoria da documentação, refletindo-se de que maneira o *podcast*, visto como documento, altera a percepção do que seria o documento por especialistas da área.

Dadas as questões prévias discutidas, apresenta-se para nosso estudo o seguinte **problema de pesquisa**: como podemos conceituar o *podcast* como documento?

A partir desta pergunta, estabelecemos como **objetivo geral**:

- Discutir o estado conceitual que caracteriza o *podcast* como documento.

E como **objetivos específicos**:

- Definir o que é *podcast* e sua atuação na Biblioteconomia, assinalando a existência de estudos teóricos ou aplicados sobre *podcast* na literatura brasileira;
- Identificar, através do *podcast*, um possível retorno da oralidade;
- Reconhecer a condição teórica-aplicada do *podcast* na literatura biblioteconômica informacional.

Como **justificativa** desta pesquisa, há uma continuidade parcial dos estudos sobre a organização do conhecimento dos *podcasts*, realizados no PET de Biblioteconomia da UNIRIO em conjunto com a discente Ana Luiza Vieira Freitas, supervisionados pelo tutor Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda. Neste estudo houve a percepção da carência de estudos sobre *podcast* no Brasil, e na Biblioteconomia brasileira a inexistência destes. Este fato instigou-nos a pesquisar mais e a trazer este novo conhecimento, que vem se tornando exponencialmente popular em bibliotecas estrangeiras, para o Brasil.

As bibliotecas no exterior, principalmente dos Estados Unidos, Austrália, e Europa, já estão estudando e preparando-se para adequar seu ambiente ao uso dos *podcasts* e a possibilidade de facilitar e promover novas experiências aos seus usuários. Serviços que antes eram exclusivos na fisicalidade presencial e impressa, como visitas guiadas ao espaço físico da biblioteca e uso de materiais bibliográficos tradicionais, agora são oferecidos em *podcast*. Contudo, não há uma definição consensual na literatura abordando este como documento.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Propôs-se nesta monografia um estudo analítico das características intrínsecas, que seriam elementos essenciais existente no *podcast* que são apresentados na obra de Paul Otlet, intitulada *Traité de Documentation* (1934). A opção desta vertente escolhida foi proposta pelo professor Gustavo Saldanha pela abrangência que o conceito proposto possui, podendo ser encaixada uma mídia do século XXI.

O método investigativo do tema foi baseado em levantamento bibliográfico em bases de dados nacionais e internacionais, em uma revisão de literatura. Para tal, foram utilizadas as bases: BRAPCI, SciELO, LISA (CAPES), Emerald Insight, BDTD e Portal de Periódicos CAPES. O critério utilizado na escolha foi a proximidade e familiaridade com estas, conseguindo-se assim realizar um filtro de assuntos e resultados obtidos melhor, além do excelente nível de conceituação destas.

O termo utilizado na busca, primeiramente, foi *podcast*, a fim de se realizar um levantamento e averiguar a existência de textos centrais que buscavam uma tentativa de definição do termo. A partir da leitura de artigos recuperados, percebemos a existência da palavra-chave correlata *audioblog*, e realizamos outra busca nas mesmas bases buscando possíveis retornos na tentativa de conceituação do *podcast* utilizando-se deste termo. A bibliografia utilizada como base para este trabalho foi em sua maioria estrangeira devido a escassa produção literária científica brasileira sobre o tema abordado, sendo esta nula no campo biblioteconômico.

O levantamento foi realizado no mês de abril de 2016, levando-se em conta o termo em si e suas possíveis variações. Não foram obtidos resultados na BRAPCI e SciELO para ambos os termos. Na LISA (CAPES), o termo *podcast* recuperou 80 documentos. Com o objetivo de refinar a pesquisa, deu-se preferência aos revisados por pares onde 35 foram encontrados. Houve uma discrepância nos números ao compararmos os resultados da busca do primeiro termo com o segundo, o *audioblog*, onde este não houve qualquer recuperação, remetendo-nos ao termo *audiology*, sendo desconsiderado por não ser útil para a pesquisa. Com o intuito de conseguir algum resultado, procurou-se no portal de periódicos da CAPES o termo, recuperando-se 29, sendo apenas um revisado por pares, utilizando-se apenas este para o trabalho.

A BDTD recuperou, do primeiro termo, 19 trabalhos, enquanto o segundo não obteve recuperação alguma. Dentre os 19 recuperados, um era voltado para a comunicação e outro para os negócios. Os demais possuíam como tema a utilização do *podcast* na educação. Contudo,

um destes era um estudo de caso considerado interessante para a pesquisa devido sua recuperação histórica do nosso objeto.

Na Emerald *Insight* a palavra *podcast* recuperou 1027 registros. A maioria voltada para a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. O *audioblog* não obteve recuperação alguma, sendo pesquisado inclusive por suas possíveis variantes.

A pesquisa para a seção de “Registros sonoros: entre o rádio e o *podcast*” foi baseada no termo “radiofonia”, onde houve na BRAPCI uma recuperação, na SciELO duas, onde uma falava sobre a cultura do rádio e outra sobre a implementação da radiofonia no Brasil, ambos, com a presença de uma mesma autora (Patrícia Coelho), e em um destes havendo a presença de uma coautoria, foram considerados importantes para este trabalho. Além disto, a dissertação de Wagner de Jesus foi utilizada também por apresentar comparativos entre as mídias.

Tabela 1 – Quantitativo de documentos recuperados nas bases de dados.

Bases de dados	<i>Podcast</i>	<i>Audioblog</i>	Radiofonia
BRAPCI	0	0	1
sciELO	0	0	2
LISA (CAPES)	80	0	-
Emerald Insight	1027	0	-
BDTD	19	0	-
Portal CAPES	-	1	-

Fonte: Elaborada pela autora.

Artigos com tema voltado para outras áreas do conhecimento foram desconsiderados para esta pesquisa pois o conteúdo pertinente para o uso na monografia era repetido, onde era abordada a história e conceituação do *podcast*. Por estes motivos preferiu-se não os selecionar e utilizar o conteúdo dos artigos que tinham um caráter mais próximo ao desejado na busca e que possuíam o mesmo conteúdo pertinente dos descartados. Os idiomas que foram considerados na busca foram o português, espanhol, inglês e francês. Deu-se preferência à produção escrita na língua vernácula deste estudo.

Para a parte do trabalho voltada para o documento foi utilizada a bibliografia inicial do estudo e uma busca sobre o assunto, de modo geral com a palavra “documento” no catálogo da biblioteca da Fundação Getulio Vargas, pela facilidade do acesso do autor a ela. No catálogo,

foi selecionado apenas um item, pois os demais não apresentavam uma abordagem direta sobre o tema proposto da pesquisa e eram desatualizados.

A palestra, disponibilizada em vídeos no *YouTube*, foi utilizada pelo palestrante ser uma autoridade de *podcast* nacional. Os vídeos fazem parte do curso ofertado por ele com apoio de grandes marcas, como por exemplo Samsung. Foi utilizada apenas a parte histórica da palestra, que se compõe em duas partes explicando a história do *podcast* e a atual conjuntura envolvida.

Na tentativa de avaliar *podcasts* institucionais brasileiros foram analisados os *podcasts* das universidades UFRGS, USP e Unesp. Contudo, ao fazer uma pesquisa aprofundada nestes, a estrutura oferecida não atendia à definição de *podcast* adotada pelo trabalho, onde é fundamental o fator de inscrição do usuário pelo feed RSS. Por este motivo, preferiu-se não abordar isto na seção 5.1.

Apesar da existência e notoriedade do áudio-livro (*audiobook*), este tipo documental não será abordado no trabalho mesmo com suas similaridades ao *podcast* pelo seu caráter oral. O áudio-livro é um produto com valor comercial para o ouvinte, ou seja, paga-se para ser utilizado, indo em oposição ao *podcast* que possui um caráter de acesso aberto à informação, sem cobranças de taxas.

O referencial teórico utilizado para a parte de documentação e da neodocumentação foram os autores: Paul Otlet, Michael Buckland, Cristina Dotta Ortega, Bernd Frohmann e Rodrigo Rabello. Enquanto o referencial de *podcast* foi composto por: Tanmay Sarkar, Jaya Ralph, Sonja Olsen, Lucio Luiz, Leo Lopes, Wagner de Jesus, James Bierman e Maura L. Valentino e, por último, Janet L. Balas. Dentre estes o referencial mais importante identificado para a área do *podcast* foi Tanmay Sarkar, estando em primeiro lugar na relevância da LISA e *Emerald Insight*.

3 *PODCAST*

Esta seção se propõe apresentar e discorrer sobre a “novíssima” mídia existente no ambiente virtual, o *podcast*. Contextualiza seu ambiente de construção e aplicação, a *Web 2.0*, apresentando suas características que a diferenciam dos demais tipos de *Web* existentes. Além disto, é explicada sua etimologia e conceitos atualmente discutidos pela sociedade e com linhas de pensamentos diferentes, sua trajetória histórica iniciada em 2005 e seu diferencial quando comparada ao rádio e sua nova versão: a *webradio*.

3.1 Contextualização: a *Web 2.0*

Tornada popular por Tim O’Reilly e Dale Dougherty em 2004, a *Web 2.0* descreve tendências e modelos de negócios sobreviventes à quebra do setor tecnológico por volta de 1990 (O’REILLY, 2005 apud MANESS, 2007). Segundo Maness (2007), atualmente este termo é usado e interpretado em larga escala. Contudo, o âmago desta não é a publicação textual, mas a comunicação multisensitiva. Além disto, podemos complementar, afirmando que a *Web 2.0* também é um lugar dinâmico em processo de evolução, tão comum quanto as atividades cotidianas, mas que se modifica constantemente sendo capaz de influenciar milhões de pessoas (POLLOCK, 2010).

Uma das modificações existentes na *Web 2.0* é a possibilidade de interações interpessoais, permitindo novas conexões e debates a partir de diversas opiniões em seu espaço interativo utilizando-se de questões tecnológicas e multimídia (MANESS, 2007).

Segundo Pollock (2010), a *Web 2.0* pode ser vista também como um *boom* publicitário onde suas redes sociais estão conectadas ao poder aquisitivo e o próprio povo é seu mecanismo de crescimento. Pessoas passam a possuir mais confiança no que se encontra na *Web*, do que em outros meios considerados obsoletos.

Neste contexto informacional encontra-se a biblioteca 2.0, definida por Maness (2007, p. 44) como “a aplicação de interação, colaboração, e tecnologias multimídias baseadas em *Web* para serviços e coleções de bibliotecas baseados em *Web*”. O autor afirma que há quatro elementos essenciais pertencentes a este tipo de biblioteca: o foco em seu usuário, permitindo a participação dos usuários na criação de conteúdos e serviços, permitindo uma dinâmica no conteúdo criado e consumido; oferecimento de uma experiência multimídia, contendo componentes de áudio e vídeo (podemos encaixar o uso do *podcast* neste elemento essencial); sua essência socialmente rica, permitindo a presença dos usuários e a comunicação entre eles e

com os bibliotecários e, por último, seu caráter comunitariamente inovador que busca continuamente a mudança de serviços para achar novas formas de buscar e recuperar a informação.

3.2 Etimologia e conceito

Podcast, termo relativamente novo, apresenta duas vertentes etimológicas sobre sua origem. A primeira, segundo Sarkar (2012) afirma que a palavra surgiu a partir da junção de *iPod* com *Broadcast* (distribuição/transmissão de dados), enquanto a segunda, defendida pela *Digital Minds* (ARTHUR, SCHOFIELD, 2006 apud JESUS, 2014), afirma que a palavra seria “*Personal On Demand broadCAST*”. Contudo, esta definição gera uma interpretação divergente da pretendida por Ben Hammersley (desenvolvedor *web*).

Wagner Jesus (2014, p. 23) apresenta a definição e diferenciação de *podcast* e *podcasting*, afirmando que:

Podcast é um arquivo de mídia transmitido via *Feed* RSS (Real Symple Syndication – forma de distribuição de conteúdo online). Essa transmissão recebe o nome de *Podcasting*. O formato mais comum de *Podcast* é o áudio, mas isso não exclui outros formatos de mídia.

Segundo Bierman e Valentino (2011), *podcast* é um termo novo e, por esta razão, torna-se apropriado considerar a divisão de sua definição em duas escolas de pensamento: a sustentada pelo *New Oxford American Dictionary* que fornece uma definição ampla e inclusiva, afirmando que o *podcast* é uma gravação digital de uma transmissão de rádio ou similar a isto que se encontra disponível online, para *download*, para uma reprodução em dispositivo de áudio. Harris, DeVoe e Ballest são autores que defendem esta definição onde o *podcast* é unicamente um arquivo de áudio postado num *site* e disponível para se baixar.

Cabe utilizar também a afirmação de Lucio Luiz (2014, p. 10) que diz:

Em princípio, podcasts também são programas de vídeo distribuídos dessa forma. Porém, no Brasil, acabou ficando uma certa “separação” informal que classifica os programas de áudio como *podcast* e os de vídeo como *videocast*.

Em contrapartida a esta vertente, há a escola de pensamento com definição mais restritiva, defendida pela *EDUCASE Learning Initiative*, Murley, Ralph e Olsen, afirmando que um áudio hospedado em um *site* não é de fato um *podcast* a menos que seus usuários possam se inscrever e receber o conteúdo via RSS ou outra tecnologia similar, ou seja, um *podcast* não seria apenas um pacote de conteúdo (um produto), mas também um método de entrega do conteúdo (um serviço) (BIERMAN, VALENTINO, 2011).

Apesar das divergências etimológicas e de definições, o *podcast* traz consigo uma grande promessa de atender as expectativas e necessidades de seus ouvintes, que sofrem com a grande quantidade de documentos textuais existentes (SARKAR, 2012).

Pode-se dizer que *podcasting* é uma transmissão do *podcast* (arquivo) e funciona como “[...] um processo que regularmente publica conteúdos de áudio com diversidade de tópicos novos de interesse para os usuários” e *podcaster* como “a pessoa de quem a voz é gravada no arquivo *podcast*” (SARKAR, 2012, p. 192, tradução nossa). Esta definição se enquadraria na definição de *podcast* de Bierman e Valentino (2011) quando estes afirmam que há um método de entrega do conteúdo.

Para se entender melhor o que é o *podcast*, devemos também compreender o conceito de RSS *feed* (ou alimentadores de RSS). Estes “fornecem ao usuário um jeito de organizar e republicar conteúdo na web” (MANESS, 2007, p. 48), e é definido por Lucio Luiz (2014, p. 10) como:

[...] uma maneira de um programa chamado agregador de conteúdo saber que um blog foi atualizado sem que a pessoa precise visitar o site. Ou seja, em vez de o internauta ir até o conteúdo, é o conteúdo que 'vai' para o internauta.

Jesus (2014) afirma que o *feed* RSS é um arquivo de texto em XML (*Extensible Markup Language*) que informa aos programas “agregadores” a existência de novos conteúdos no domínio (*site* ou *blog*). Desta forma, basta verificar se há novas atualizações em seus *feeds* de notícias nos agregadores. Para o autor (2014), a característica fundamental do *podcasting* que o diferencia dos demais é o *feed* RSS aliado ao uso do agregador. Este é responsável pelo reconhecimento e *download* do *podcast* sem uma interferência do usuário, oferecendo junto ao *feed* uma atualização automática do conteúdo.

3.3 *Podcast*: origem e história

Lucio Luiz (2014) explica que houve um surgimento de diversas ideias de como automatizar o acesso ao conteúdo de *audioblogs* e outros programas de áudio, graças ao excesso de aparelhos portáteis de reprodução de áudio, principalmente os de formato MP3.

Com esta contextualização, Dave Winer junto de sua equipe, em 2003, criou o *enclosure*. Este faz com que o RSS funcionasse não apenas com textos, mas também com arquivos de áudio para que Christopher Lyndon, jornalista, disponibilizasse uma série de entrevistas na rede. O *enclosure* permite o compartilhamento de arquivos de mídia – Imagens,

som, vídeo ou a própria informação em texto como o primeiro *feed* já fazia – anexadas ao *feed* RSS (LUIZ, 2014).

No ano seguinte, Adam Curry, considerado *podfather* (Pai do *podcast*), empresário e ex-VJ (Vídeo Jockey) da MTV, deseja compartilhar seu programa de rádio que produzia e disponibilizar o áudio do programa para seus ouvintes, via RSS 2.0 com o script de Kevin Marks. Ele foi o primeiro a pegar um iPod e disponibilizar um arquivo de áudio pelo RSS para o iTunes (agregador) (SARKAR, 2012).

Este sistema recebeu a nomenclatura de *RSStoIPod* e foi disponibilizado para utilização de forma livre por outros programadores, o que permitiu o surgimento de outros agregadores que possibilitasse o *download* automático do arquivo de áudio (LUIZ, 2014).

Para esta transmissão de dados foi dada a nomenclatura *podcasting*, sugerida por Ben Hammersley, em fevereiro de 2004, no famoso jornal *The Guardian*. Ele usou o termo para definir a maneira que as entrevistas de Lyndon foram transmitidas (*feed* RSS 2.0) e acarretaram no novo sistema de transmissão de dados (*podcasting*). O sistema criado, apesar de fazer apologia ao produto iPod, não ficou limitada a este. O que ocorreu foi uma popularização deste termo e a partir disto os programas distribuídos via *podcasting* passaram a ter a nomenclatura *podcast* (LUIZ, 2014).

Leo Lopes, em palestra disponibilizada no *YouTube* no ano de 2014, afirma que o *podcast* viveu um momento de transição de ferramenta de distribuição de conteúdo para tornar-se uma mídia e passou a ter interesse de empresas para se anunciar produtos devido a fidelização dos assinantes, que são em sua maioria engajados com a mídia. Grandes marcas como LG, Samsung, Nokia, Submarino e Bradesco acreditam e investem no *podcast* devido sua visibilidade.

3.3.1 O *podcast* no Brasil

Em 21 de outubro 2004 surge o primeiro *podcast* brasileiro, o *Digital Minds*, criado por Danilo Medeiros. Esse fazia parte do *blog* que detinha o mesmo nome. Pode-se dizer que este *blog* não foi pioneiro na disponibilização de áudios para *download*, mas sim que foi o pioneiro a fazê-lo via *podcasting*. Após o *Digital Minds*, houve novos adeptos exponencialmente, e em 2005 foi organizada a primeira edição da Conferência Brasileira de *Podcast* (PodCon Brasil). A *Podcon* (*Podcast Conference*) foi o primeiro evento brasileiro exclusivo para a mídia emergente, ocorrendo nos dias 2 e 3 de dezembro em Curitiba (LUIZ, 2014).

Entretanto, houve problemas no decorrer desta nova mídia. Segundo Lucio Luiz (2014, p. 11) relata:

[...] apesar do promissor crescimento da mídia podcast, ainda em 2005, ocorreu o chamado “podfade”: o fim de vários podcasts no Brasil e no mundo pelas mais diversas razões. O fenômeno continuou até o início de 2006, adiando projetos como o Prêmio Podcast e as novas edições da PodCon.

A quantidade de *podcasts* sobreviventes da primeira geração brasileira foi muito baixa, mas felizmente, em 2006 novos *podcasts* começaram a ser criados e, houve maior crescimento principalmente em 2008, com a adição da categoria *Podcast* No prêmio iBest¹. No mesmo ano deste prêmio, houve também, com a organização realizada por Eddie Silva, a primeira edição do Prêmio *Podcast*. Esta foi a primeira premiação exclusiva para a mídia. Contudo houve apenas mais uma edição em 2009 (JESUS, 2014).

Os *podcasts* pós-*podfade* eram inspirados em programas de rádio voltados para o público jovem, trazendo humor e utilizando-se de técnicas e mixagens de som. Além disto, os assuntos abordados eram de fácil entendimento e de gosto geral. Comparados aos pioneiros nacionais, estes eram totalmente diferentes pois os pioneiros buscavam se assemelhar com programas norte-americanos de pouca edição e mixagem, assemelhando-se bastante com programas ao vivo de rádio (LUIZ, 2014).

Ainda segundo Lucio Luiz (2014, p. 13):

[...] no Brasil, podcast é praticamente sinônimo de programas de áudio, devido à pouca produção de podcasts em vídeo (não confundir com os programas distribuídos apenas no YouTube, que, por não poderem ser baixados via *feed*, não são videocasts).

O mesmo afirma que o Brasil já possui sua *podosfera* bem consolidada, com uma gama abrangente de temas e programas de *podcasts* com uma identidade autêntica. É comum a ajuda entre os programas e não uma esfera disputa e conquista de público.

3.3.2 Podpesquisa

A pesquisa sobre *podcasts* no Brasil é chamada *Podpesquisa*, criada em 2008 por Marcelo Oliveira (*Podcaster*). Ela promove um levantamento do perfil do ouvinte da mídia no Brasil, além de permitir a leitura de características dos programas brasileiros da mídia. Sua natureza é voluntária e os resultados obtidos são discutidos pelos *podcasters* (JESUS, 2014).

¹ Considerado um dos principais prêmios brasileiros voltados à Internet.

Ao todo, houve apenas 3 edições: 2008, 2009 e 2014 (ano em que o *podcast* completou 10 anos). As respostas obtidas nas três edições foram, respectivamente, 436, 2.487 e 16.719. Percebe-se assim um notório aumento de ouvintes após o *podfade*.

Abaixo podemos ver os temas preferidos dos ouvintes, abordados pelos programas nacionais e internacionais, que participaram da pesquisa nos três anos, onde a preferência gira em torno de assuntos voltados para o humor, programas de televisão e filmes, tecnologia e *games*. Deve-se ressaltar que o questionário permitia a escolha de mais de uma opção e não uma exclusiva.

Tabela 2 – Temas preferidos entre os *podouvintes*

Ranking de temas preferidos entre os <i>podouvintes</i>		
2008	2009	2014
Tecnologia (83,2%)	Humor (81,06%)	Humor e entretenimento (86,30%)
Humor (61,9%)	Televisão, filmes e séries (52,87%)	Televisão, filmes e séries (68,66%)
Entrevista (50,6%)	Tecnologia (51,03%)	Videogames (62,42%)

Fonte: Jesus, 2014, p.31-32.

3.4 Registros sonoros: entre o rádio e o *podcasting*

Os pioneiros da radiofonia no Brasil acreditavam neste meio de transmissão de sons (ou veículo de comunicação) como uma forma de integração da nação, considerando-se o rádio como um contribuinte do nosso desenvolvimento tanto social quanto intelectual (COSTA, 2014).

Segundo Nair Prata (2008, p. 2-3), conforme o rádio surge, ele se reinventa e novas pesquisas surgem constantemente para tentar entender suas novas facetas. Com isto, a autora afirma a distinção de dois tipos de radiofonia:

1. Radiofonia analógica: emissoras que realizam transmissões analógicas através de irradiação e modulação das ondas eletromagnéticas, também chamadas de rádios hertzianas; 2. Radiofonia digital: a) emissoras de rádio hertzianas com transmissão digital e b) emissoras de rádio com existência exclusiva na internet ou webrádios.

Herreros (2003, p. 29 apud ZANELLA, SPRANDEL, 2009, p.8-9), diz em seu artigo que há três tipos de gerações do rádio:

A primeira geração esteve definida pelos passos iniciais, pela ampliação de coberturas territoriais e pela incorporação crescente de conteúdos. A segunda se produziu com a introdução dos transistores, a FM, a estereofonia e o magnetófono. A terceira se empreende agora com o salto do rádio analógica ao rádio digital.

Dentro destes três tipos de gerações do rádio, apresentados por Herreros, podemos utilizar a definição dos três modelos de rádios, definidos por Prata (2008, p. 3), onde o *webradio* (também podendo ser chamado de rádio digital), está entre estes, que são:

- Emissoras hertzianas;
- Emissoras hertzianas com presença na internet;
- Emissoras com presença exclusiva na internet (*webrádios*).

No canal do *YouTube*, chamado Curso de *podcast* (2014), Leo Lopes afirma em palestra que o rádio, considerado em seus primórdios como um bem durável de entretenimento familiar e que possuía posição de destaque nas residências, perde um número considerável de ouvintes, devido à incompatibilidade deste na rotina do homem atual. As novas tecnologias passam a aderir usuários em um espaço de tempo menor do que suas precursoras, tendo-se um exemplo do período em anos que a nova tecnologia levou para conseguir alcançar 50 milhões de usuários no quadro a seguir:

Tabela 3 – Tempo estimado para a obtenção de 50 milhões de ouvintes em anos

Rádio	Internet	iPod
38 anos	4 anos	3 anos

Fonte: Curso de *podcast*, 2014.

Conforme visto na tabela acima, após a internet há um maior alcance em um menor espaço temporal das novas tecnologias, como o iPod, e é neste meio que emerge o *podcast* e, além disto, a tentativa do rádio de se reinventar através de seu modelo atual, o *webradio*.

A *webradio* surge com um ideal de oferecer sua programação do rádio, aos seus ouvintes, em tempo real, de forma direta, pelo *Bit streaming*, com uma qualidade de som superior aos outros modelos além de ampliar a cobertura territorial, oferecendo programas e serviços variados, mas mantendo os elementos característicos do rádio, que são presentes nas emissões hertzianas. Através destes, é disponibilizado pela emissora responsável, através do *site*, ferramentas que permitem a interação ouvinte-locutor, como *chats*, *blogs*, vídeos e fotos (ZANELLA, SPRANDEL, 2009).

Além de sua programação em tempo real *online*, a *webradio* também disponibiliza o *download* dos seus programas após o término destes, permitindo ao ouvinte montar sua própria programação, selecionando os programas de seu interesse para ouvi-los na hora desejada. Este serviço visa o alcance do público que prefere o modelo de conteúdo sob demanda, onde é possível ao ouvinte organizar seus horários independentemente da programação, e que antes não era alcançado pelos rádios (ZANELLA, SPRANDEL, 2009).

A presença da transmissão *podcasting* só se justifica pela existência da internet. Ela oferta ao ouvinte, ou assinante (pode-se chamar o ouvinte de assinante pois a característica marcante do *podcast* é a sua assinatura via RSS), um conteúdo sob demanda (*on demand*) - a qualquer momento é possível escolher o que e onde ouvir o programa. Além disto há flexibilidade, portabilidade (leva-se para onde quiser, por exemplo, através do celular), interatividade, fidelização por parte do assinante (o *podcast* agrega, devido as diferentes abordagens de se falar sobre o mesmo tema em diferentes programas), forte engajamento de sua esfera (entusiasmados – se envolve e interessa cada vez mais pela *podosfera* e entusiastas – está tão entusiasmado com a *podosfera* que deseja participar desta criando seu próprio programa) (Curso de *podcast*, 2014).

Após uma análise da *webradio* e seu contexto histórico, podemos ver quando comparado ao parágrafo anterior sobre *podcasts* que estas mídias possuem muitas semelhanças e as características que as divergem possuem uma tênue diferença. Wagner Jesus (2014) afirma que o *Podcasting* se apropriou de elementos característicos da rádio tradicional, sendo comum este tipo de apropriação dos elementos da mídia antecessora pela sucessora, herdando e apropriando-se destes de tal maneira que os atualiza para a atual época.

Podemos analisar abaixo algumas características diferenciadas entre as mídias, elencadas por Wagner (2014) em sua dissertação:

Quadro 1 – Diferenças entre *Podcasting* e *Webradio*

(continua)

<i>Podcasting</i>	<i>Webradio</i>
Desincronia entre a produção e a reprodução	Sincronia com a transmissão
Ausência de regras rígidas	Regras rígidas de locução e restrição de termos de linguagem

Quadro 1 – Diferenças entre *Podcasting* e *Webradio*

(conclusão)

<i>Podcasting</i>	<i>Webradio</i>
Não necessita de concessão ou permissão	Concessão pública
Possibilidade de reprodução <i>off-line</i>	Necessidade de sintonia via <i>streaming</i> pela Internet

Fonte: Jesus, 2014, p. 26-29.

Observa-se com o quadro que a *webradio*, por ser uma vertente do rádio tradicional, acaba por possuir uma rigidez que advém da sua história e tradição. Esta não é exigida para os *podcasts*, que buscam sempre a praticidade, tanto de quem produz quanto de quem escuta. Além disto, não há tamanha burocracia, como a necessidade de concessões.

4 DOCUMENTO

Nesta seção iremos abordar, introdutoriamente, a história e algumas definições do documento existentes na literatura. Utilizaremos os teóricos clássicos da área, sucessores de Otlet, que são Suzanne Briet, Robert Escarpit, Jean Meyriat, Michael Buckland e Bernd Frohmann. Será realizada uma análise dos novos suportes informacionais que apareceram com a Internet e como eles mudam a visão de documento na Contemporaneidade. O embasamento teórico deu-se pelos autores: Michael Buckland, Cristina Dotta Ortega, Marilda Lara, Rodrigo Rabello, Bernd Frohmann e Pierre Lévy.

4.1 Historiografia documental

Desde o século XX há um interesse presente em multimídias e a forma como elas ratificam a função da Ciência da Informação de tratar não apenas a informação científica produzida textualmente ou similarmente, mas sim de toda informação produzida sob qualquer tipo de suporte existente. A Teoria da Documentação surge no século XIX, em meio ao caos informacional existente em consequência da prensa, concomitante com ferramentas de publicação em massa e à revolução científica da época. Em meados do século XX a palavra “documentação” obteve grande aceitação e foi amplamente adotada com o intuito de indicar o conjunto de técnicas necessárias para lidar com a explosão documental (BUCKLAND, 1997).

Para Buckland (1997), a partir dessa mudança, houve em torno do ano de 1920 a utilização do termo “Documentação” como um termo geral que contém os termos: Bibliografia, Serviços de Informação Escolar, Gerenciamento de Registros e Arquivamento. E após 1950, terminologias mais elaboradas, como Ciência da Informação, começaram a surgir. Contudo, ele (1997) acredita que nunca houve, nem haverá, razões que façam a Documentação limitar-se aos textos, principalmente impressos. Para ele, com a transição dos documentos para o digital faz-se necessária a distinção dos diversos tipos de documentos, visto que um documento convencional existe fisicamente em tecnologia digital como sequência de *bits*, assim como tudo existente no ambiente digital.

Ortega (2011, p. 58) traz a divergência entre os séculos XIX e XX, afirmando que:

No século XIX, Panizzi recuperou a noção de obra para fins de catalogação, enquanto Otlet, preocupado com o controle bibliográfico, centrou-se nos processos e instrumentos que viabilizassem a representação e a recuperação dos assuntos dos documentos. O século XX foi marcado pela elaboração de produtos que indicam a continuidade destas iniciativas, como o catálogo alfabético e o catálogo sistemático, e os catálogos de bibliotecas e as bibliografias, as quais foram depois substituídas pelas bases de dados bibliográficas.

Marilda Lara (2010) traz à tona a discussão sobre o documento na Ciência da Informação devido suas diferentes perspectivas adotadas, uma vez que diversas outras áreas do conhecimento possuem perspectivas divergentes. Com isso, a autora afirma a necessidade de se definir qual tipo de produção e uso é referido. Faz-se necessário diferenciar o documento primário do secundário. Onde o primário trata-se do documento inicial, o documento ‘*do autor*’, enquanto o secundário é o documento gerado a partir dele e que é próprio da atividade documentária mais estrita.

Ainda segundo Lara (2010, p. 36), a Ciência da Informação trabalha com, ao menos, duas perspectivas distintas em um sentido que:

- Caracteriza sua atividade central;
- Corresponde ao seu entorno

No primeiro, há a produção de documentos gerados a partir de outros documentos, ou seja, documentos originais gerando documentos secundários, terciários etc. Estes são criados com um caráter sintético que visam diminuir a dispersão da informação. A partir deste processo há a informação documentária, que é produzida visando a substituição do documento original por este.

No segundo, “os documentos constituem objeto de análise crítica, como expressão, por exemplo, de fenômenos sociais, de memória. O produto de análise é um novo documento elaborado no mesmo sistema semiótico original” (LARA, 2010, p. 36). Para ela, ambas atividades são operações, onde a primeira trata-se de redução e a segunda expansão.

A obra de Paul Otlet intitulada *Traité de Documentation*, na Bélgica em 1934 é básica e fundamental para a compreensão do documento no âmbito da Ciência da Informação, segundo Michael Buckland, Suzanne Briet, Robert Escarpit, Jean Meyriat e Bernd Frohmann.

Movimento bibliográfico

Rabello (2011, p. 139) traz uma análise sobre documento e Documentação valendo-se de renomados autores. A documentação recebeu diferentes significações, entre elas podemos destacar as seguintes:

- Meio de prova histórica;
- Profissão ensinada formalmente em escolas técnicas;
- Disciplina acadêmica dedicada à criação de saberes que inspiram as práticas documentais.

O *movimento bibliográfico* foi crucial para o desenvolvimento das análises de conteúdo documental, além da organização e conservação do conhecimento registrado. O movimento trouxe a Documentação como disciplina, intitulada de Bibliografia, e teve maior notoriedade com a publicação do *Traité de Documentation*, de Otlet. A Bibliografia permitiu a utilização das noções de transmissão e acesso à informação que foram importantes para as próximas teorias da Documentação (RABELLO, 2011).

Movimento dos *Annales*

O “movimento dos *Annales*”, também chamado por Le Goff de “História Nova” e por Burke de “Escola dos *Annales*” foi o resultado de debates e troca de conhecimentos entre pensadores da época. Além disto, houve a elaboração de projetos entre Lucien Febvre e Marc Bloch, obtendo êxito ao publicar, em 15 de janeiro de 1929, o *Annales d'Histoire Économique et Sociale*. O movimento indagava a forma tradicional da narração, onde a documentação oficial era a fonte principal de análise e constituía-se, principalmente de diplomas arquivados (RABELLO, 2011).

Rabello (2011) continua seu discurso afirmando que a Escola de *Analles* ampliou o conceito de documento, onde a problemática estava inserida na validação exclusiva através dos documentos oficiais escritos para se formar a História e não na utilização destes. A ressignificação historiográfica do documento, atribuindo a este um caráter inovador, surge através da legitimação da relevância do estudo da cultura material, onde o problema estava na exclusividade destes para a escrita histórica.

A mudança do significado historiográfico de documento surge a partir do momento em que o estudo da cultura material possui importância. Com isto, constatou-se que o ato de documentar é externo ao documento, sendo esta afirmação uma divisão das linhas de pensamento permitindo desdobramentos conceituais consecutivos a este (RABELLO, 2011).

4.2 Definições de documento

Propomos aqui apresentar algumas definições existentes na literatura sobre o documento. Em primeiro lugar, indicamos a definição de documento segundo Paul Otlet, e depois, apresentamos as definições defendidas por Suzanne Briet, Robert Escapit, Jean Meyriat, Michael Buckland e Bernd Frohmann. Estes autores foram selecionados devido a utilização ou citação destes na bibliografia utilizada para o pressuposto teórico do trabalho.

Paul Otlet

De acordo com o discurso de Rabello (2011, p. 140), Otlet resgata o entendimento de *biblos*, em que este tem origem na definição a seguir:

[...] a palavra *livro* corresponde à palavra latina *liber* e é uma adaptação da noção transcendente que correspondia ao entendimento antigo e medieval de *biblos* (em grego “βιβλιον”, radical das palavras *biblioteca* e *biblioteconomia*) e *biblion*, no plural (RABELLO, 2011, p. 139).

A partir deste resgate, ele reconhece a equivalência conceitual de *livro/documento/biblion*, onde era admitido todo objeto artificial onde estivesse contido qualquer propriedade informativa – ou *logos*, transformando o documento em uma classe da Documentação (RABELLO, 2011).

Otlet aborda o documento de maneira ampla, incluindo o sentido estrito que diz respeito à organização de sistemas informacionais. Para ele, o documento funcionaria como um suporte que armazena dados intelectuais e permite a abordagem sob o aspecto de fundo e de forma a partir da Documentação, sendo o objeto desta área o “*ser documento*”. Para ele, o documento é o receptáculo e o veículo de transporte de ideias que reproduz a realidade e que deve ser reconhecendo por sua determinação individual, avaliando suas características individuais que o fazem documento, dando à documentação uma natureza seletiva (LARA, 2010).

Lara (2010) afirma que, para Paul Otlet, a Documentação possui como problema o trato do documento quanto ao fundo e à forma. Relacionado ao fundo, seria de responsabilidade da área o resultado do conhecimento, o conteúdo, a partir da observação da realidade, preocupando-se em formular métodos para extrair os conteúdos não repetidos, originais de cada documento.

O **princípio monográfico** proposto por ele possui como ideal a fragmentação dos documentos para se separar as informações de acordo com critérios considerados úteis ou importantes e, em seguida, reunir os pedaços que possuem os mesmos pontos de vista em um código enciclopédico universal (a CDU – Classificação Decimal Universal), ou seja, produziria um novo documento estabelecido sob um filtro ideológico permitindo a transmissão universal a partir da fragmentação (LARA, 2010).

No documento, o interesse não estaria presente exclusivamente no conteúdo, mas também no suporte documental. Ele propõe um termo genérico, que pode ser chamado de *biblión*, bibliograma ou documento, que envolve vários suportes (volumes, folhetos, revistas, artigos, cartas, diagramas, fotografias, estampas, certificados, estatísticas, além dos discos e

filmes). Este seria a unidade intelectual e abstrata, o pensamento do homem, podendo ser encontrado de forma concreta e real e para se produzir esta unidade haveriam os suportes informacionais, como por exemplo o livro (ORTEGA, 2010).

Os registros de informação (a unidade documentária) encontrados seriam representações documentais, podendo corresponder a partes, conjunto, dados ou o documento em si. Sendo, portanto, uma unidade documentária (informacional) mínima de interesse para determinada comunidade e pode ser representada para ser registrada em bases de dados, segundo as necessidades contextuais. Isto gera uma divisão em duas etapas distintas, que seriam a descrição do documento em si e a do assunto abordado nele, ou seja, o princípio de Otlet propaga a ideia de supressão da repetição para se concentrar as informações e economizar o tempo do leitor. (ORTEGA, 2011).

Cristina Dotta Ortega (2011, p. 58) traz uma síntese do princípio monográfico afirmando que este é “[...] a ideia que levou à constituição da noção de unidade documentária, a qual se aproxima da noção de unidade bibliográfica. A unidade bibliográfica é representada fisicamente pelo registro de informação, a partir da caracterização da tipologia documental”. Além disto, Ortega (2011) também identifica a unidade documentária como algo necessário “[...] à construção do registro de informação e se dá por meio de metodologias que permitam considerar de modo criterioso as tipologias documentais, o contexto institucional e seus públicos”.

Suzanne Briet

Renée-Marie-Hélène-Suzanne Briet (1894-1989), mais conhecida como Suzanne Briet, foi uma das pioneiras na Ciência da Informação quando ainda era chamada de Documentação. Ela era funcionária da Bibiotena Nacional da França e ao tornar-se vice-presidente da FID (*Internationa Federation for Documentation*) recebeu o apelido de “Madame Documentação” (BUCKLAND, 1995).

A partir de 1920 ela foi ativa internacionalmente no campo da Documentação, desenvolvendo um plano, adotado pela UFOD (*Union Française des Organismes de Documentation*) para o que teria sido a primeira escola de Documentação estabelecida (BUCKLAND, 1995).

Ela é considerada uma das sucessoras direta do pensamento otletiano, difundindo vários princípios dele em sua obra publicada em 1951, *Qu'est-ce que la documentation?* (ORTEGA, 2010). Briet (1951, p. 7, tradução nossa) define documento a partir da definição de documento

da UFOD, adotada em 1935, onde este seria “[...] todo índice concreto ou simbólico, conservado ou registrado para fins de representar, de reconstituir ou de provar um fenômeno ou físico ou intelectual”.

Sua obra é um manifesto notável sobre a natureza da Documentação apesar de ser um panfleto com 48 páginas, dividido em três partes. A primeira, desenvolveu um tema distinto da documentação francesa procurando expandir os limites do campo para além do texto, com o propósito de incluir qualquer forma matéria de evidência. Esta ainda é considerada importante até hoje por causa da visão ortodoxa reativa ao âmbito da Ciência da Informação. A segunda, discute sobre a nova e distinta profissão que estava emergindo na época. A terceira, apresenta a urgência a necessidade social para os novas e ativas incumbências dos serviços informacionais (BUCKLAND, 1995).

Rendón Rojas apud ORTEGA (2010) afirma que a definição apresentada por Briet possui um sentido abrangente, podendo considerar como documento tudo que tenha expressão material e represente determinado fenômeno, não apenas escrito, mas também coisas de caráter natural ou monumentos e objetos da vida cotidiana produzidos pelo homem.

Robert Escarpit e Jean Meyriat

Para **Robert Escarpit**, o documento é um objeto informacional visível ou palpável que possui uma dupla autonomia com relação ao tempo:

- Sincronia: refere-se à independência interna da mensagem, justaposta e multidimensional;
- Estabilidade: independência global do objeto informacional, que é um suporte material do traço que pode ser preservado, transportado e reproduzido. (ORTEGA, 2010).

Logo, o documento seria meio de formar um saber, onde os traços estão disponíveis para uma exploração sem restrições, fundamentado em eventos ou cronologia, estando em função de um projeto por realizar (ORTEGA, 2010).

Jean Meyriat tem como questão central o processo de transformação do objeto em documento. Ele fundamenta o documento como um objeto de suporte à informação, permitindo a comunicação e durabilidade. Esta definição está intrínseca à duas noções conjuntas e inseparáveis entre si:

- Natureza material: o objeto atuando como o suporte;

- Conceitual: o conteúdo da comunicação, a informação.

Deste modo, segundo Meyriat, toda mensagem possui uma significação, e não se pode definir um documento sem ter em conta o significado da mensagem que ele tem a função de transmitir. Meyriat crê que os escritos não são os únicos a transmitir informações, e que documento é muito mais amplo do que apenas suportes escritos (ORTEGA, 2010).

Para Jean Meyriat não basta a vontade do emissor é preciso também o desejo de se obter a informação, e isto é um elemento necessário para que um objeto seja considerado documento, independente da intenção original ser outra. Para ele, é na busca que um documento é criado, logo, nem todo escrito é um documento e vice-versa. É o uso que torna algo um documento e isto é modificado cronologicamente (ORTEGA, 2010).

Segundo Lara (2010, p. 54), “Escarpit e Meyriat apresentam convergências no que tange à necessidade de observar as relações entre informação, significação e recepção” e há uma “[...] preocupação dos autores com as relações que unem Documentação e Comunicação”.

Michael Buckland

Segundo Ortega (2010, p. 69), Buckland “trata da ‘informação como coisa’, ‘informação como conhecimento’ e ‘informação como processo’”. Para Lara (2010, 54) ele “reivindica a materialidade física da informação como sustentação da Ciência da Informação, o que justifica sua inserção sob o ‘paradigma físico’”.

Lara (2010, p. 47) afirma que Michael Buckland não considera a “informação como processo” como algo importante para a Ciência da Informação apesar de reconhecer que este pode ser utilizado em estudos comparados. Além disto, “Embora Buckland reconheça que a evidência em Briet tem um caráter relacional, parece não aproveitar esse aspecto, que é justamente o que solta o documento de uma materialidade puramente física”.

Lara (2010, p. 51) resume a linha de Buckland dizendo que este não aborda o documento, mas a informação, tratando-a “como coisa, categoria central; informação como processo, informação como conhecimento”. E seu pressuposto seria a “materialidade física da informação (documento), tendo como produto um “arranjo das coisas, das evidências; descrição dos atributos físicos”.

Bernd Frohmann

Frohmann acredita que o movimento documentalista existente no final do século XIX e no início do século XX foram primordiais para os estudos contemporâneos, ressaltando a relevância de se recuperar as práticas documentárias dos primeiros documentalistas e repensá-las. Ele compreende a Documentação com uma abrangência maior do que apenas estudos de informação, onde as práticas documentárias criariam uma filosofia da informação subordinada à filosofia da documentação (ORTEGA, 2007).

Bernd Frohmann segue os ideais de Wittgenstein que acredita no estudo de práticas documentalistas leva a um conjunto de conceitos fundamentais para a filosofia informacional (ORTEGA, 2007).

Cabe citar Frohmann (2009, p. 221) no momento em que ele afirma que:

O documento é imaginado como o mero transporte ou canal para a transmissão da substância intencional da mente do emissor para a mente do receptor, uma ideia implícita na observação de Nunberg de que, de acordo com os entusiastas do ciberespaço, graças às novas tecnologias digitais, o conteúdo dos documentos agora ‘pode ser liberado e manipulado como um tipo de essência pura’.

Além disto, Frohmann acredita que “uma das implicações do foco nas práticas documentárias para uma filosofia da informação é que tal filosofia está subordinada a uma filosofia da documentação”, ou seja, nem todo documento possui como característica “informar alguém sobre alguma coisa” (FROHMANN, 2009, p. 238).

4.3 O documento e seus novos suportes informacionais

O dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2008, p. 352), traz duas definições de suporte da informação. Adotaremos a que o descreve como “material (ou dispositivo) ativo ou passivo que pode memorizar uma informação e restituí-la quando necessário; suporte de dados” por considerá-la mais apropriada para o tema abordado neste trabalho.

O computador traduz e descreve de maneira codificada sobre vários tipos de suporte com manifestação digital (não é algo irreal ou imaterial), ocupando menos espaço e peso do que os suportes materiais físicos. Ele “não é apenas uma ferramenta a mais para a produção de textos, sons e imagens, é antes de mais nada um operador de *virtualização da informação*” (LÉVY, 1999, p. 55).

Ao expandirmos o conceito de “texto”, incluindo-se sons e imagens, “os hipertextos também podem ser chamados de hipertextos”. Este, é um texto estruturado

em rede, formado por nós, que podem ser “elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.”, em *link* entre esses nós que indicam a passagem de um a outro (LÉVY, 1999, p. 55-56).

Lévy (1999, p.56) julga que o suporte digital “traz uma diferença considerável em relação aos hipertextos que antecedem a informática [...]. Por outro lado, a digitalização permite a associação na mesma mídia e a mixagem precisa de sons, imagens e textos”. Podemos desta forma compreender que os hipertextos permitem uma melhor estruturação que possibilita o acesso à informação e a digitalização permite incluir e alterar outros tipos de recursos informacionais.

Ainda segundo Lévy (1999, p. 61-62) “a mídia é o suporte ou veículo da mensagem. O impresso, o rádio, a televisão, o cinema ou a Internet, por exemplo, são mídias” e além disto “as realidades virtuais podem colocar em jogo a visão, a audição, o tato e a cinestesia (sentido interno dos movimentos do corpo) ”. Logo, a realidade virtual permite a inserção de mais sentidos do corpo devido a seus diversos tipos de representações, ampliando a experiência do navegador virtual.

Dentro do ambiente digital há dois dispositivos informacionais originais: o mundo virtual e a informação em fluxo. “O mundo virtual dispõe as informações em um espaço contínuo – e não em uma rede – e o faz em função da posição do explorador ou de seu representante dentro deste mundo (princípio de imersão) ” e “a *informação em fluxo* designa dados em estado contínuo de modificação, dispersos entre memórias e canais interconectados que podem ser percorridos, filtrados e apresentados ao cibernauta de acordo com suas instruções [...]” (LÉVY, 1999, p. 62)

O *dispositivo comunicacional* é o responsável por definir a relação entre os integrantes da comunicação. Este pode ser dividido em três grandes categorias (LÉVY, 1999, p. 63):

- UM-TODOS: um centro emissor transmite mensagens em uma grande escala para seus receptores, que são passivos e dispersos;
- UM-UM: um emissor transmite mensagens para apenas um receptor;
- TODOS-TODOS: vários emissores enviando várias mensagens para seus receptores.

Podemos afirmar que o *podcast* está dentro de um sistema de comunicação TODOS-TODOS. Contudo, ao se tornar disponível, ele passa a ser UM-TODOS. Isto se dá pelo fato dos “mundos virtuais para diversos participantes [...], podem todos ser considerados sistemas de comunicação todos-todos” (LÉVY, 1999, p. 63).

Nos novos suportes informacionais da cibercultura há uma forte presença do “espectador uma vez que este “[...] é chamado a intervir diretamente na atualização (a materialização, a exibição, a edição, o desenrolar afetivo aqui e agora) de uma sequência de signos ou de acontecimentos”. Há uma criação de maneira coletiva entre quem acessa e quem produz o conteúdo, e isto acaba por permitir uma criação ininterrupta por sempre haver indivíduos construindo-as. “[...] O evento da criação não se encontra mais limitado ao momento da concepção ou da realização da obra: o dispositivo virtual propõe uma máquina de fazer surgir eventos” (LÉVY, 1999, p. 136)

No que tange às mídias de áudio, Lévy (1999, p. 140) diz que “a gravação torna-se responsável, à sua maneira, pelo arquivamento e pela preservação histórica de músicas que haviam permanecido na esfera da tradição oral (etnografia musical)”. Podemos ampliar esta noção e incluir não apenas músicas, mas também palestras, entrevistas, críticas e muitos outros tipos de informação que podem ser transmitidos pela oralidade.

Aplicando a expansão de “texto” podemos realizar uma releitura de Jean-Claude Carrière e Umberto Eco (2010, p. 16) em que eles afirmam que para se ler um texto é necessário um suporte e este não deve ser apenas o computador. E além disto Carrière e Eco (2010, p.19-20) dizem que “[...] nunca tivemos tanta necessidade de ler e escrever quanto em nossos dias”. E também que “Empreenderíamos um retorno à oralidade se nossos computadores fossem capazes de transcrever diretamente o que dizemos”.

Para Eco e Carrière (2010), ao se comparar o livro, que é considerado durável, os novos suportes são efêmeros devido grande avanço da tecnologia em curto período de tempo, tornando os novos suportes obsoletos rapidamente. Isto denota certa crítica aos novos suportes que estão na Internet e seu uso apenas como auxiliar da memória humana e não um suporte que seja capaz de preservar o pensamento humano assim como o códice, o que é uma ideia similar à de Lévy (1993).

Podemos encerrar esta parte com a citação de Lévy (1999, p. 167), onde este afirma que:

O ideal mobilizador da informática não é mais a inteligência artificial, [...] mas sim a *inteligência coletiva*, a saber, a valorização, a utilização otimizada e a criação de sinergia entre as competências, as imaginações e as energias intelectuais, qualquer que seja sua diversidade qualitativa e onde quer que esta se situe.

Logo, os novos suportes informacionais que vieram com a cibercultura e a Internet buscam uma forma de criar um conhecimento coletivo (TODOS-TODOS) e não uma produção unitária que é distribuída para os demais (UM-TODOS).

5 O PODCAST COMO DOCUMENTO NA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Esta seção visa uma análise da subseção 243.4 “*Radiophonie. T. S. F.*” do *Traité de Documentation* de Paul Otlet. Em conjunto desta será realizado o *podcast* e seu papel como um documento “substituto do livro”. Abordaremos também a utilização deste no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

5.1 O “substituto do livro”

Como sucessor do rádio, o *podcast* pode ser interpretado na subseção 243.4, intitulada “*Radiophonie. T. S. F.*” do capítulo *Substituts du livre* do *Traité de Documentation*, que aborda a radiofonia. Segundo Otlet, este é um documento de suma importância que atende as demandas informacionais da sociedade pós “boom informacional”.

A sigla *T.S.F.* componente do título da subseção, apesar de não estar explicitamente esclarecido sobre o que se trata, refere-se à expressão *télégraphie sans fil* (telegrafia sem fio). Esta expressão, após uma busca dentro do *Traité de Documentation*, refere-se à transmissão de rádio em seus anos iniciais, e é utilizada em outras subseções durante o discurso de Otlet para pontuar as novas tecnologias que surgiam na época.

Dentro de *Radiophonie T. S. F.*, Paul Otlet aborda na parte de generalidades que o rádio, a partir do ponto de vista documentário, pode ser visto como um livro para se ouvir. Ele é de certa maneira um “substituto do livro”, sendo um instrumento de transmissão intelectual, artístico e moral disponível ao homem (OTLET, 1934). Como abordado neste TCC na seção 3.4 “Registros sonoros: entre o rádio e o *podcasting*”, o rádio não mais atende às necessidades da sociedade por completo, e agora, não se trata apenas de estar disponível ao homem, mas também o homem estar disponível para tal, e é neste ponto em que se encaixa o *podcast*.

O rádio e o *podcast* se igualam no ponto em que é afirmado que se oferece aos pensadores, conferencistas, poetas e músicos com mínimo de esforço, o máximo de comunicação, tanto pelo entendimento quanto pela intensidade do que é dito. Contudo, por trás do rádio encontram-se mais obstáculos à liberdade de expressão do que no *podcast* pelo vínculo que esse possui com a emissora e os padrões que devem ser seguidos. Além da censura intrínseca a este. O *podcast* por outro lado não possui tantas formalidades pelo *podcaster* tratar diretamente de seu programa sem possuir uma regularização por trás.

Ao contrário de documentos escritos, que é necessário o esforço para se ler, comprar e refletir sobre o conteúdo abordado, Paul Otlet alega que o pensamento radiodifundido é prático, necessitando-se apenas girar um botão e facilmente pode-se associar uma ocupação material à um público disposto a ouvir, atendendo uma maior coletividade (OTLET, 1934).

Otlet apresenta para ratificar seu ponto de vista a afirmação do reitor da *Université de Louvain* que diz em seu discurso reitoral que “O Rádio e o Cinema tornaram-se mais poderosos que o púlpito como propagadores de ideias” (OTLET, 1934, p. 233, tradução nossa). Por sua vez, o *podcast* alcançou mais usuários do que o rádio em seus três primeiros anos de vida, conquistando novos assinantes em progressão geométrica e dominando o globo.

De acordo com o *Comité Radiophonique de l'Enseignement: la parole libre T. S. F.*, Conferências, concertos, teatro e reportagens (*T. S. F.*) atribuem um caráter mais interessante ao livro e, para Otlet, cada uma das divisões superficiais que são formadas a partir de novos dispositivos é um fragmento que o alto-falante é capaz de reproduzir de maneira integral sem necessitar passar por processos complexos. Ademais, afirma-se que a “máquina oral” seria capaz de reproduzir todo o conteúdo impresso existente e por vir. Na sociedade informacional o papel não é capaz de registrar todo o conteúdo informacional produzido, sendo necessário um suporte alternativo a este que tem se buscado cada vez mais no ambiente virtual (OTLET, 1934).

Pierre Lévy (1993), divide a oralidade em duas: a primária e secundária. Na primária, há o uso da oralidade sem a escrita, ou seja, antes que esta tenha sido adotada, sendo uma sociedade que passa suas informações apenas pela fala. Na secundária, há uma complementação da escrita com o uso da oralidade, ambas se complementam. Apesar de publicado nos anos 1990, os conceitos de Lévy continuam pertinentes para a área e podemos aplicar o *podcast* como um modelo de oralidade secundária. Sua existência traz a complementação a diversos tipos de suportes informacionais, não apenas a escritos, sendo realizados comentários de texto, filmes lançados recentemente e até mesmo *podcasts* falando sobre *podcasts*.

A radiofonia e o *podcasting* estariam encaixadas na oralidade secundária por se completarem junto à escrita. A voz humana transfere por gerações as antigas tradições, a música, a poesia e todas as manifestações intelectuais dos povos e é percebido por Otlet que estes tipos de transmissão levantam responsabilidades devido a propagação de doutrinas falsas e transmissões perniciosas e imorais. Neste ponto o *podcast* “perde” para o rádio pois o conteúdo transmitido não possui um controle por parte de emissoras, ou sofre censura ou similar a isto mas deve-se levar em conta que ao mesmo tempo em que “perde”, ele “ganha” por não

estar ligado a um tipo de restrição por parte de concessões e regras a serem seguidas (OTLET, 1934).

Assim como dito por Otlet (1934) para a rádio transmissão, é necessária uma organização para se permitir o acesso do público ao rádio, e isso também pode ser aplicado para o *podcast*. Onde etapas devem ser seguidas para que todos possam ter acesso ao programa desejado. Assim como em 1934 com o rádio, programas educativos, de humor e informativos também são os principais abordados atualmente nos *podcasts*.

A radiodifusão consiste elementarmente de sons livres e a documentação pode ser realizada de duas formas:

- Através da emissão: os documentos podem vir a ser a base, como discos que são transmitidos, bandas que realizaram performances, o conteúdo escrito para o programa, os mecanismos utilizados para o som, letras, ruídos, músicas;
- Através da recepção: já foi realizado o cadastramento ou o registro em algum tipo de suporte (OTLET, 1934, p. 236, tradução nossa).

Atualmente a mídia pode ser considerada como um suporte de informação e de comunicação, e a Internet é parte disto a partir da união de computadores com a telecomunicação (PIERRE, 1999). Logo, o *podcast* pode ser considerado como documento para a Documentação, uma vez que há o registro do *podcasting* (transmissão) no *podcast* (produto final, o programa).

Paul Otlet (1934), no século XX, esperava que posteriormente, o livro se beneficiasse das várias transmissões simultâneas, onde obras clássicas esgotadas e perdidas fossem oferecidas à vontade e à distância, considerando-se como “Livro-rádio”. Atualmente, isto já é uma realidade com os *podcasts*. Estes oferecem não apenas livros que foram gravados, mas também palestras e guias, atendendo à demanda online e off-line a qualquer hora e lugar.

Ao concluir o discurso da radiodifusão, Otlet (1934) afirma que esse seria como um documento, visto que possui corpo material (na época seria a gravação em suportes como CDs e fita cassete), mas a uma distância tal que não seria nem visível, nem tangível ou audível. Um aparelho de “leitura” ou de audição serviria para a interpretação, e utilização posterior dos dados, uma vez difundido. Isto formaria, segundo Otlet, um verdadeiro jornal da humanidade inscrito no céu onde seria possível consultar a qualquer momento. Otlet (1934) idealiza este tipo de documento como sendo a memória da humanidade sendo parte de uma “memória divina” que é escrita por um anjo constantemente.

Comparando-se este parágrafo e aplicando-o ao *podcast*, a mídia pode se encaixar uma vez que seu corpo material está na Internet mas, ela encontra-se visível, tangível e audível uma vez que o ambiente digital nos permite o contato tangível pela interface e *hardwares*, além de escuta-la diretamente da fonte, do documento original disponibilizado via *web*. Ao dizer que seria armazenado no céu, podemos comparar com a armazenagem na nuvem. Onde este refere-se às ondas de rádio e este à armazenagem na própria Internet. Logo, alegoricamente, a memória da humanidade estaria sendo criada dentro da própria “memória divina”.

5.2 Apropriação e uso do *podcast* na Biblioteconomia

O ambiente digital trouxe consigo alterações significativas dos padrões de necessidades e expectativas dos usuários das bibliotecas. Com a proliferação documental, estes estão se tornando exponencialmente presentes na Internet e tornando-se onipresentes. Pode-se dizer, que as bibliotecas físicas e digitais estão perdendo gradualmente suas diferenças, não sendo mais tão distintas (SAKAR, 2012, p. 191).

Esta semelhança faz com que as bibliotecas introduzam as tecnologias pertencentes a *Web 2.0* em seus produtos e serviços, com ênfase em sites e catálogos dinâmicos ou interativos, para incentivar a interação dos usuários com a biblioteca, além de promover eficazmente os serviços *Web* desta (RALPH, OLSEN, 2007 apud SARKAR, 2012).

Há uma aceitação gradativa dos *Podcasts* pelas bibliotecas, com a intenção de criar conteúdo de áudio disponível para *download* gratuito a seu público, alcançando seus usuários potenciais e reais, mesmo quando estes estão distantes do espaço físico da biblioteca e não podem ir ao local, oferecendo um suporte aprimorado para estudantes que se utilizam do áudio como ferramenta de estudo, constituindo 30% do total de alunos e além disto, descrever e promover recursos e treinamentos da biblioteca (BADLEY, 2007 apud BIERMAN; VALENTINO, 2011).

O uso do *podcast* em bibliotecas libera o usuário da tarefa de ir a textos extensos, e permite-os ouvir a informação desejada e, também, guiando-os no uso dos recursos da biblioteca e poupando seu tempo conciliando o áudio com informativo com tarefas que não podem ser conciliadas com a leitura textual como, por exemplo, dirigir (SAKAR, 2012, p. 191).

Janet L. Balas é uma bibliotecária visionária que em 2005, antes da mídia completar um ano, apresenta em seu artigo “*Blogging is so last year – Now Podcasting is hot*” o *podcast*. Este artigo não trata de conselhos e dicas para a aplicação do *podcast* mas busca explorar a mídia devido o fascínio e utilidade que a autora possui e como ele poderia ser usado em bibliotecas,

visto que bibliotecários gostam de passar uma imagem de conhecedores tecnológicos, mas gastando sabiamente o curto orçamento que bibliotecas recebem (BALAS, 2005).

Balas (2005) afirma o início do uso de *podcasts* em organizações profissionais e apresenta o OPAL (*Online Programming for All Libraries*), um esforço colaborativo entre bibliotecas para promover treinamentos e programações no ambiente *Web*. O OPAL disponibilizou em seu *site* seções e instruções para assinar *podcasts*. Ela afirma que há vários programas com diversidade de conteúdos e bibliotecários que utilizavam anteriormente o *blog*, estão migrando para o uso do *podcast*.

Em seus estudos, Tanmay Sarkar (2012) afirma que o *podcast* vem sendo usado na educação de ensino superior como ferramenta educacional, ambientes corporativos, de negócios e em bibliotecas. Ele afirma que o sucesso do crescimento da mídia se deve a adoção deste em nível institucional.

Para Sarkar (2012), a biblioteca deve compreender todos os tipos de *podcasts* e encorajar a criação destes por seus usuários para que desenvolva uma conexão social e cognitiva entre o bibliotecário e sua comunidade, promovendo assim os serviços da biblioteca e tornando o conhecimento de determinada área acessível por ele. Outro ponto abordado tanto em Sarkar (2012) quanto Balas (2005) pelo qual a biblioteca pode adotar a mídia é seu baixo custo de criação.

Sarkar (2012, p. 195) afirma em seu estudo sobre *podcasts* que:

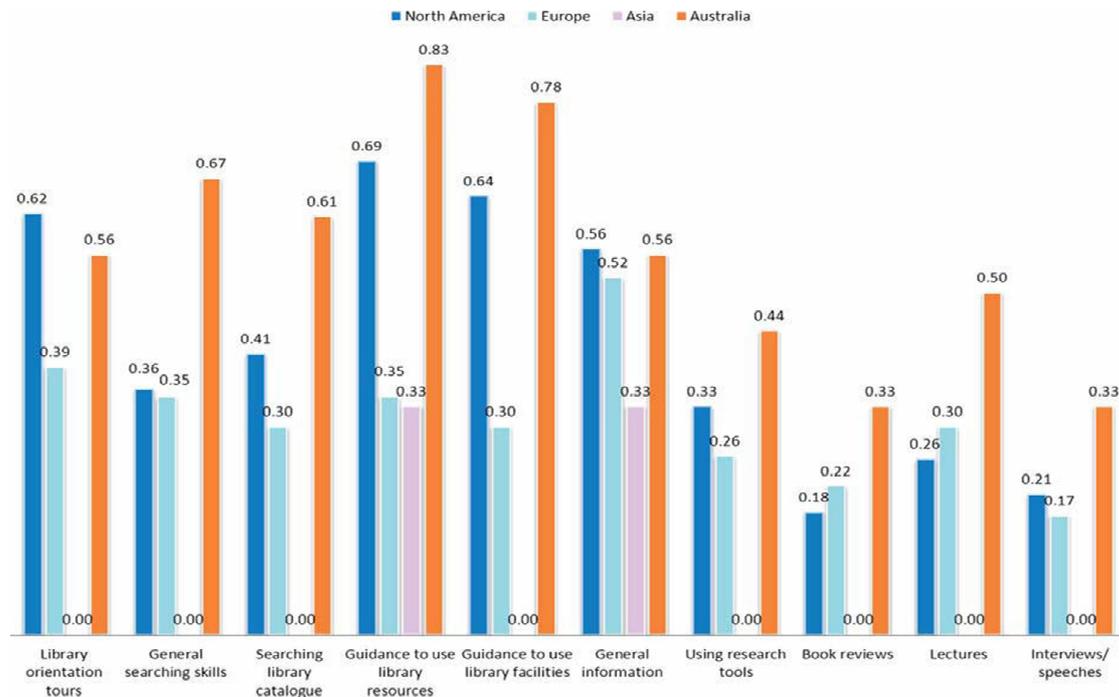
Até agora poucas pesquisas são encontradas na literatura, focadas no levantamento e avaliação de *podcasts* em bibliotecas acadêmicas e públicas, o que demonstra unicamente a diferença com que as bibliotecas aproveitam a potencialidade desta tecnologia pelo globo. Além disto, continuará um espaço na área que chama a atenção para futuras pesquisas sobre (tradução nossa).

A seguir, podemos ver a pesquisa realizada por Sarkar (2012) em *podcasts* exclusivamente de língua inglesa, cobrindo bibliotecas públicas e universitárias dos quatro continentes, abrangendo 310 bibliotecas. Dentre estas, 83 (27%) usam o *podcast*, apesar das características e propósitos de uso variem entre as bibliotecas. Algumas produzem o programa em mais de um idioma para atender aos usuários que realizam intercâmbio e vieram de outros países. Cabe ressaltar que as bibliotecas da pesquisa não adotam a fusão existente de *podcast* e *videocast*, onde o primeiro é exclusivo de áudio e o segundo de vídeos.

No gráfico abaixo podemos verificar um comparativo entre continentes nas características marcantes dos *podcasts* de bibliotecas. Pode-se dizer que é comum serem feitos programas para realizar *tours online* na biblioteca, treinamento para busca geral, pesquisas no catálogo da biblioteca, treinamento para uso dos recursos disponíveis da biblioteca, guia para

uso das facilidades da biblioteca, informações gerais, como utilizar ferramentas de busca, resenhas de livros, palestras, entrevistas e discursos.

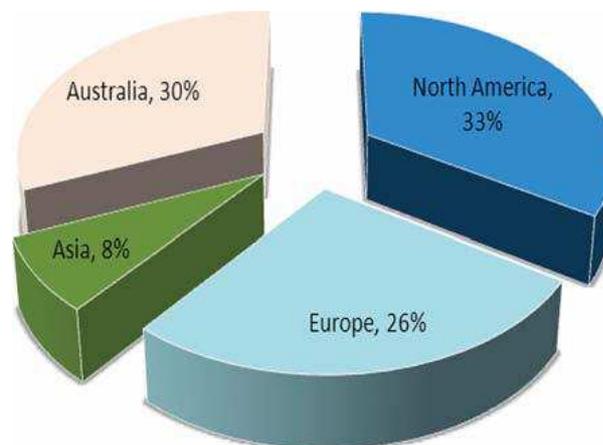
Gráfico 1: Propósito dos *podcasts* nos continentes.



Fonte: SARKAR, 2012, p. 205.

No gráfico seguinte, podemos ver a prevalência do uso de *podcasts* entre os continentes, onde este é mais utilizado na América do Norte, seguido respectivamente por Oceania (representado exclusivamente pela Austrália), Europa e Ásia.

Gráfico 2: Predomínio do *podcast* nos continentes



Fonte: SARKAR, 2012, p. 208.

Pode-se perceber que a pesquisa realizada não é válida para o Brasil por se tratar apenas de *podcasts* no idioma inglês, mas a partir desta é possível ver a maneira como o uso desta nova mídia está sendo aderida por bibliotecas no exterior.

No Brasil, há apontamentos de *podcasts* universitários, de caráter institucional e não de bibliotecas, surgindo como o da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)², USP (Universidade de São Paulo)³ e Unesp (Universidade do Estado de São Paulo)⁴.

Apesar da utilização da nomenclatura, ao acessar os *sites* verificou-se a ausência das características de um *podcast*. Na UFRGS, ao tentar se assinar o *feed* foi encontrado erro de *script*, não sendo possível a assinatura do programa. Por não oferecer isto desconsiderou-se como tal visto que estaria mais voltado para um programa de áudio onde está disponibilizado o conteúdo para *download* por listas. O mesmo ocorreu com o *podcast* da USP e UNESP: para ter acesso ao programa é necessário procurá-lo em uma lista de programas e realizar o *download* individualmente, sem permitir uma assinatura. Em ambos, ao contrário da UFRGS não há a possibilidade de assinatura do *podcast*. Constatou-se que nos três casos o órgão responsável é ligado a rádio da Universidade e a nomenclatura *podcast* refere-se à simples arquivos de áudio.

5.3 O caso da *Library of Congress* e aplicação do princípio monográfico

A *Library of Congress* (LC) possui em seu domínio uma página exclusiva para seus programas de *podcast*. É possível encontrá-la através do menu, em “*Discover*” no *dropdown* “*Multimedia*”. O caminho necessário para se encontrá-lo não é de fácil acesso, exigindo um esforço por parte do usuário, que segundo Sarkar (2012) acaba diminuindo o número de acessos e assinaturas.

Em *Multimedia*, há a divisão em dois *links* diferentes: *Audio Podcasts* e *Video Webcasts*. Isto demonstra que a LC não adota a nomenclatura usual da literatura estrangeira de *podcast* e *videocast* mas, realiza a cisão entre áudio e vídeo. Além disto, vale ressaltar que apenas 3 episódios possuem a opção de mais de um idioma, em um total de 99 disponibilizados.

Em sua página⁵, ela define o *podcast* como sendo:

[...] um arquivo de áudio ou vídeo que está disponível para se ouvir ou ver no seu computador ou para *download* para um dispositivo de mídia portátil ou mp3 player. *Podcasts* são geralmente partes de uma série e são distribuídos através de episódios individuais. Você pode se inscrever para uma série de *podcasts* usando um *feed* RSS

² <http://www.ufrgs.br/frontdaciencia>

³ <http://www.usp.br/imprensa/?cat=1194>

⁴ <http://podcast.unesp.br/sobre>

⁵ <https://loc.gov/podcasts/help.html>

para que os novos podcasts sejam transferidos automaticamente para o computador quando novos episódios estiverem disponíveis (tradução nossa).

Podemos perceber ao analisar esta definição que apesar de afirmar que o *podcast* é um arquivo de áudio ou vídeo, a própria LC separa os dois tipos de mídia dentro de *Multimedia*. A LC possui 14 programas de *podcasts*, separados por temas específicos, os quais são:

- *Voices from the Days of Slavery*;
- *Music and the Brain*;
- *Conversations about Digital Preservation*;
- *Q&A with LCM: Interviews with Library of Congress Magazine*;
- *Alan Lomax and the Soundscapes of the Upper Midwest*;
- *National Book Festival* (8 programas referentes aos anos de 2007 a 2014).

A LC ensina ao usuário, na seção de ajuda, de forma clara e objetiva, como se inscrever e ouvir os *podcasts*, indo além e propondo a pergunta “Porque devo me inscrever em *podcasts*?”. A resposta desta pergunta é a seguinte: “Inscrever-se em um *podcast* é um método simplificado de receber conteúdo de áudio ou vídeo de interesse” (tradução nossa).

Os programas da LC fazem referência cruzada com outros serviços oferecidos pela biblioteca e que possam ser de interesse do assinante. Podemos ter como exemplo o caso do “*Music and the Brain*” que oferece os concertos realizados pela biblioteca e a enciclopédia de performances artísticas. Logo, apesar de difícil acesso, os *podcasts* estão interligados com os demais produtos e serviços oferecidos aos usuários da biblioteca.

Na tabela abaixo pode-se conferir os programas e o quantitativo de episódios lançados e o período em que foi disponibilizado no site da biblioteca. Para o *National Book Festival* será realizada uma tabela a parte com maiores detalhes a fim de se compreender melhor a divisão da publicação anual do programa.

Tabela 5 – Programas da *Library of Congress* e seus quantitativos

(continua)

Programas	Número de episódios	Período disponibilizado	Possui episódio disponível em mais de um idioma
<i>Voices from the Days of Slavery</i>	3	2009	Não
<i>Music and the Brain</i>	20	2009-2011	Não

Tabela 5 – Programas da *Library of Congress* e seus quantitativos

(conclusão)			
Programas	Número de episódios	Período disponibilizado	Possui episódio disponível em mais de um idioma
<i>Conversations about Digital Preservation</i>	16	2009-2012	Não
<i>Q&A with LCM: Interviews with Library of Congress Magazine</i>	6	2011-2015	Não
<i>Alan Lomax and the Soundscapes of the Upper Midwest</i>	8	2013-2014	Não
<i>National Book Festival</i>	102	2007-2014	Sim

Fonte: Elaborada pela autora.

Na tabela 5 podemos reparar que os programas não possuem periodicidade específica para o lançamento de novos episódios e que os programas não são contínuos. Além disto, apenas no *National Book Festival* há uma periodicidade de publicação anual. Contudo, esta publicação anual é de programas e não episódios.

Tabela 6 – Detalhamento dos programas do *National Book Festival*

<i>National Book Festival</i>								
Ano	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Número de episódios	14	20	16	7	9	15	7	14
Possui episódio disponível em mais de um idioma	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não

Fonte: Elaborada pela autora.

O *National Book Festival* é o título dos programas lançados anualmente referente ao Festival Nacional do Livro. Cada programa conta com os autores convidados do festival do ano em que o programa foi lançado e cada episódio é destinado para um autor específico.

A sequência anual do *National Book Festival* foi continuada em *videocast*, e pode ser encontrada na seção de *Webcasts* da LC.

Aplicação do Princípio Monográfico

Após analisado os *podcasts* da LC, partiu-se ao problema de como seria possível inserir o princípio monográfico neste tipo de mídia. Para poder produzir a aplicação do princípio foi pensando no *podcast* em camadas, dentro de seu próprio universo, compondo-se em um total de cinco níveis.

Em um primeiro nível e mais abrangente, estaria a própria *página de podcast da Library of Congress*. Dentro da página encontram-se todos os programas produzidos pela própria LC e que possuem um fim e certa importância dentro da biblioteca, logo há uma fragmentação dos documentos dos demais ofertados por ela.

No segundo nível, são considerados os *programas*. Após a separação de todos os *podcasts* dos demais documentos, produtos e serviços da biblioteca, há uma divisão de programas, de acordo com os tópicos em que estes abordam, ou seja, assuntos e eventos que possuem diferentes vertentes.

O terceiro nível seria composto pelos *episódios*. Estes possuem uma maior especificidade dentro dos temas que compõem os programas, abordando tópicos específicos em relação ao programa.

No quarto nível entra a *especificidade do assunto dentro dos episódios*. Pode-se reparar que a divisão dos níveis é intimamente ligada ao quanto o nível do assunto é fragmentado. Neste nível é abordado de forma extremamente específica o assunto.

O quinto nível pode ser visto de forma complementar, com a *divisão dos assuntos dentro dos episódios de acordo com as orações gravadas*, ou seja, funcionaria como um fichamento de um *podcast*. Seria o nível mais específico do assunto onde cada oração significativa proferida pela oralidade seria registrada para uma recuperação a posteriori.

Para isto, tomemos como exemplo o programa *Voices from the Days of Slavery*, da LC. O primeiro nível seria composto pela própria página de *podcast* da LC, que engloba todos os *podcasts* produzidos pela biblioteca.

O segundo nível, seria o próprio programa *Voices from the Days of Slavery*, que engloba ao todo 3 episódios com o tema central “Escravidão”.

O terceiro nível, seria composto por cada um dos três episódios do programa, separadamente, que são gravados por palestrantes distintos, mas que possuem em comum o tema. Para exemplificar, podemos supor três temas: mulheres na escravidão, colônias de escravos e tráfico negro.

O quarto nível seriam os temas distintos de cada episódio abordados pelos especialistas da área, mas que fazem parte do universo “Escravidão”. Continuando a suposição do exemplo, poderíamos aplicar ao quarto nível, dentro de transportes de tráfico negreiro, o uso das embarcações marítimas no trajeto África-Brasil.

O quinto nível seriam as orações proferidas durante o episódio que são consideradas relevantes e essências sobre o assunto. Funcionaria como um fichamento, mas registrando-se os minutos em que a informação principal é proferida pelo orador.

Percebe-se que a divisão proposta está de acordo com a utilidade e importância destes. Além disto a divisão atende ao critério de estar de acordo com a mesma área de interesse, dando autenticidade a aplicação do princípio neste estudo de caso aplicado.

5.4 O *podcast* como documento

Conforme visto nas seções anteriores, o *podcast* consegue se enquadrar nos preceitos de Paul Otlet. Nesta subseção iremos ratificar a definição do *podcast* como um documento baseando-se nos autores sucessores de Otlet abordados na subseção 4.2, que são: Suzanne Briet, Robert Escapit, Jean Meyriat, Michael Buckland e Bernd Frohmann.

Suzanne Briet (1951, p.7) nos apresenta um conceito de documento abrangente, que pode ser aplicado em diversos tipos de suportes informacionais, inclusive o *podcast*. Este é formado a partir da definição da *Union Française des Organismes de Documentations* que é “[...] toda base de conhecimento fixada materialmente e suscetível de ser utilizada para consulta, estudo ou prova”.

O *podcast* pode ser enquadrado nos preceitos de Briet por representar um conhecimento intelectual sobre determinado assunto abordado no episódio. Pode-se visualizar a mídia como um novo serviço apresentado à sociedade, além de representar o fenômeno oral que marca a oralidade secundária abordada por Lévy (1993).

Briet (1951) ratifica o princípio de unidade documentaria, proposto por Otlet e para ela, o espaço e tempo interferem cada vez mais por conta do surgimento de novas tecnologias. Ao aplicar esta análise ao *podcast* podemos notar a visão futurista do conceito, pois com a ansiedade informacional contemporânea, formas alternativas de obter o conhecimento instantaneamente são buscadas, e o *podcast* se encaixa pela praticidade e disponibilidade ao seu ouvinte em qualquer lugar e tempo que este deseje.

Aplicando as definições de Robert Escarpit, temos uma afirmação do *podcast* como documento a partir do momento em que este defende o documento como um objeto

informativa que pode ser vista ou tocada, possuindo sincronia e estabilidade. A mídia em questão é visível a partir do uso da interface *web* e tocada com o auxílio de *hardwares*, como por exemplo o *mouse*, ou a própria tela a partir do momento em que esta seja *touchscreen* (ORTEGA, 2010).

A dupla autonomia (sincronia e estabilidade), característica do documento segundo Robert Escarpit (ORTEGA, 2010), pode ser vista no *podcast* a partir do momento em que a mensagem existente dentro da mídia é independente, seu conteúdo não precisa de outra informação para ser entendida, ou seja, o episódio por si só é necessário para a compreensão do mesmo. No que se refere a estabilidade, é um suporte que pode ser transportado para qualquer lugar em qualquer dispositivo por estar disponível na *Web* e para reprodução *online* ou *off-line* e reproduzido em qualquer dispositivo que possua saída de áudio.

Jean Meyriat afirma que há um processo para algo se tornar documento, devendo este exercer função de suporte informativa, não necessariamente escrito, que permita a comunicação e seja durável (ORTEGA, 2010). O *podcast* é um recipiente de uma informação oral gravada, que permite a comunicação UM-TODOS (LÉVY, 1999) e é um suporte durável que pode se manter com uma curadoria digital adequada.

O *podcast* é intrinsecamente ligado ao desejo de informação do usuário, a partir do momento em que este tem interesse e se inscreve para receber os programas lançados. Isto vai de encontro quando Meyriat diz que é necessário um desejo por parte do usuário pela informação oferecida, pois é o uso desta que torna algo de fato um documento (ORTEGA, 2010).

O documento em Buckland seria determinada informação materializada fisicamente, ou seja, não seria o documento em si, mas a informação propriamente dita. Conecta-se a informação e o documento mais pelo aspecto físico do que intelectual. Esta noção da materialidade da informação de Buckland é próxima da linha de estudos documentais de Briet quando esta versa sobre a face tangível da informação (LARA, 2010).

O *podcast* pode ser visualizado em Buckland a partir do momento em que se vê no ambiente digital a informação como algo concreto, alcançável. Pode-se alcançar tal materialidade através de *hardwares*, da mesma forma explicada em Escarpit. O conceito de materialidade física de um *podcast* ultrapassa o conceito tradicional, uma vez que é pensado apenas nos sentidos sensoriais humanos no ambiente real, mas não é comumente pensado nestes no ambiente digital. Esta noção de materialidade é tênue à existente em Escarpit.

Frohmann (2009) imagina o documento como um canal, e com o advento da tecnologia digital o conteúdo deste pode ser liberado como essência pura, ou seja, é possível ser deslocado

da mente do produtor da informação (o emissor) para a mente do receptor. Na *podosfera* pode ser visto como o produtor do *podcast* que transfere todo o conteúdo produzido de determinado episódio para o ouvinte/assinante do programa de *podcast*.

Em um primeiro momento, é possível visualizar o canal (ou transporte) e associa-lo ao *podcasting* e não ao *podcast*. Contudo, deve-se ter em mente que o *podcasting* é a ponte que leva a mídia da *web* para o dispositivo onde irá se ouvir a mídia. O *podcast* pode ser visto como este canal em Frohmann ao se pensar na transferência da informação existente dentro da mídia para o cérebro do ouvinte no momento da execução do episódio.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos compreender que o *podcast* faz parte dos sistemas documentários uma vez que ele produz e possibilita o conhecimento, produzindo as informações em formato de áudio e transmitindo-o via *podcasting*.

Na sociedade contemporânea, a demanda precisou ser remanejada pois o número de produções intelectuais e o tempo da sociedade tiveram um crescimento inverso. A medida que ocorrem novas produções informacionais, o tempo da população diminuiu e novos suportes informacionais surgiram no ambiente digital, onde a principal diferença destes para os demais é a criação coletiva de documentos.

Este produz um resumo falado de todo o conteúdo produzido em um determinado período de tempo. Inclusive, é uma mídia mais eficaz, na questão de praticidade e quantidade de tempo demandada, do que o resumo escrito pois permite a atualização do usuário sem a necessidade de gastar um período exclusivamente para a leitura das notícias, podendo ouvir o programa no horário desejado sem necessitar de recorrer a fonte. Além disto, os *podcasts* brasileiros fazem referência a outros com temas de interesse e campos correlatos.

Frohmann discorre sobre a teoria de John Perry Barlow onde afirma-se que a Internet poderá se tornar o principal, ou único meio de propagação de informações, mudando-se os suportes existentes nos dias de hoje, ela não possuirá um receptáculo, mas será um puro pensamento ou algo similar. Esta proposição é similar ao final da seção de Paul Otlet sobre radiofonia onde haveria um verdadeiro jornal da humanidade inscrito no céu onde seria possível consultar a qualquer momento. Isto é algo que já está se ocorrendo e torna-se possível com este retorno gradativo da oralidade que o *podcast* vem adquirindo.

Os princípios de Otlet encaixam-se perfeitamente ao serem aplicados à mídia, que é encaixada no tipo documental considerada como um “substituto do livro”. Comprovando-se isto, inclusive, pela aplicação do princípio monográfico no caso dos *podcasts* da *Library of Congress*.

Foi possível classificar o *podcast* nas definições de documento dos sucessores de Otlet abordados no trabalho, percebendo-se a materialidade existente na mídia e no ambiente digital e a força com que estes declaram, em suas épocas, a necessidade de maiores estudos para melhor encaixar-se os documentos nascidos nesta ambientação e uma ampliação dos estudos filosóficos da Documentação.

O *podcast* pode ser definido, após análise deste estudo, como um documento de áudio digital da web 2.0, que possui materialidade e leva o conteúdo informacional do emissor ao

receptor, atuando como um canal. Este canal é a todo momento atualizado e transmitido de forma automática através do *podcasting*, sucessor da radiofonia, valendo-se do *feed* RSS para tal atividade, suprimindo a demanda da sociedade que cada vez mais possui pressa em adquirir a informação desejada. Tal demanda é alcançada através da inscrição no programa desejado sem a necessidade de retornar sempre à página do conteúdo e permitindo o acesso ao conteúdo de forma *online* e *off-line*.

São necessários mais estudos epistemológicos histórico-conceituais sobre o *podcast*, e também outras mídias atuais, além de sua análise documental visto que no Brasil e no mundo seu uso já está sendo aplicado e crescendo em progressão geométrica. Contudo, valendo-se de nomenclaturas e conceitos inapropriados/inadequados. Podemos ratificar isto com a citação de Bernd Frohmann (2009, p. 238-239) que diz:

O que fazemos com documentos eletrônicos, como essas práticas se configuram, e o que elas fazem conosco, são eminentemente dignas de estudo. Mas a forma digital de documentos contemporâneos não criou nenhum imperativo filosófico durante todo o tempo em que o conceito de práticas documentárias esteve presente.

A Biblioteconomia deve preocupar-se com este surgimento de novas mídias. Esperamos com este trabalho discutir e incentivar o surgimento de novas pesquisas sobre o assunto em nossa área, visto que no Brasil e no mundo ainda se é pouco estudado, principalmente no Brasil, onde não foram encontrados estudos de *podcasts* enquanto no exterior surgiram análises e estudos desde o surgimento dessa nova mídia.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6033**: ordem alfabética. Rio de Janeiro, 1989.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BALAS, J. L. "Blogging is so last year – now podcasting is hot". **Computers in Libraries**, Washington, v. 25, n. 10, nov. 2005, p. 29-32. Disponível em: <<http://app.vlex.com/#vid/62727483>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

BIERMAN, J.; VALENTINO, M. L. Podcasting initiatives in American research libraries. **Library Hi Tech**, Berlim, v. 29, n. 2, 2011, p. 349-358. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/07378831111138215>>. Acesso em: 17 set. 2015.

BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?**. Paris: ÉDIT, 1951.

BUCKLAND, M. K. The centenary of "Madame Documentation": Suzanne Briet, 1894-1989. **Journ. of the Am. Soc. for Inf. Sci.**, Estados Unidos, v. 46, n. 3, abr. 1995, p. 235-237.

_____. What is a "Document"?. **Journ. of the Am. Soc. for Inf. Sci.**, Estados Unidos, v. 48, n. 9, set. 1997, p. 804-809.

COELHO, P. Intelectuais em defesa da radiocultura (1920-1930). **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 37, n. 2, dez. 2014, p. 51-70. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442014000200051&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 abr. 2016.

COSTA, P. C. da; PAULILO, A. L. Arautos do improvável, pioneiros da radiofonia e da cinematografia educacional educacional no Brasil (1920-1930). **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, v. 31, n. 2, jun. 2015, p. 37-59. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982015000200037&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 abr. 2016.

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

Curso de *Podcast*. **Workshop de Produção de Podcasts**: do rádio ao *podcast* (parte 1).

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MEqqcKHeZrA>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

_____. **Workshop de Produção de Podcasts**: do rádio ao *podcast* (parte 2). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=_BSZqMB2qHE>. Acesso em: 22 abr. 2016.

ECO, U.; CARRIÈRE, J. C. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro, São Paulo: Ed. Record, 2010.

FROHMANN, B. A documentação rediviva: prolegômenos a uma (outra) filosofia da informação. **Morpheus, Rev. Eletr. em Ciênc. da Inf.**, Rio de Janeiro, a. 9, n. 14, 2009, p. 219-240.

JESUS, W. B. de. **Podcast e educação**: um estudo de caso. 2014. 56 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/121992>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

LARA, M. L. G. de. Documento e significação na trajetória epistemológica da Ciência da Informação. In: FREITAS, L. S. de; MARCONDES, C. H.; RODRIGUES, A. C. (Org.).

Documento: gênese e contextos de uso. Niterói: EdUFF, 2010. p. 35-56.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Ed. 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

Library of Congress Podcasts. Disponível em: <<https://www.loc.gov/podcasts/>>. Acesso em: 15 maio 2016.

LOPES, L. **Podcast**: guia básico. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.

LUIZ, L. (Org.). **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu: Marsupial, 2014.

MANESS, J. M. Teoria da biblioteca 2.0: web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. **Inf. & Soc. Est.**, João Pessoa, v. 17, n. 1, jan./abr., 2007, p.43-51. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/831/1464>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

ORTEGA, C. D. Sobre a configuração histórica da noção de documento em Ciência da Informação. In: FREITAS, L. S. de; MARCONDES, C. H.; RODRIGUES, A. C. (Org.). **Documento**: gênese e contextos de uso. Niterói: EdUFF, 2010. p. 57-80.

_____. Do princípio monográfico à unidade documentária: exploração dos fundamentos da Catalogação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, mar. 2011, p. 43-60. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

OTLET, P. **Traité de documentation** : le livre sur le livre : théorie et pratique. Bruxelles: Mundaneum, 1934.

POLLOCK, J. T. **Web Semântica para leigos**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2010.

PONTES, F. V.; LIMA, G. A. B. de O. Modelos conceituais para bibliotecas digitais. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 14 n. 2, fev. 2013. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/fev13/Art_06.htm>. Acesso em: 7 maio 2015.

PRATA, N. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 31., 2008, Natal, RN. **Anais eletrônicos...** Natal, RN, INTERCOM, 2008. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/estudioderadio/wp-admin/textos/webradio_novos_generos.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2016.

RABELLO, R. A dimensão categórica do documento na Ciência da Informação. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 16, n. 31, 2011, p.131-156.

RALPH, J.; OLSEN, S. Podcasting as an Educational Building Block in Academic Libraries. **Australian Academic & Research Libraries**, [Sidney], v. 38, n.4, 2007, p. 270-279.

Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00048623.2007.10721309>>.

Acesso em: 7 out. 2015.

SARKAR, T. de. Introducing podcast in library service: an analytical study. **VINE Journal of Information and Knowledge Management Systems**, [Hong Kong], v. 42, n. 2, 2012, p. 191-213. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/03055721211227237>>. Acesso em: 17 set. 2015.

ZANELLA, G.; SPRANDEL, M. Perspectivas sobre o conceito de Rádio segundo Mariano Cebrián Herreros. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 10., 2009, Blumenau, SC. **Anais eletrônicos...** Blumenau, SC, INTERCOM, 2009.

Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0805-1.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2016.